



**Projeto
Farol Literário**

**FEIRA
LITERÁRIA**
do Vale do
São Patrício

**Contando Histórias de Goiás a Paraty:
Coletânea dos ganhadores do
VIII Concurso de Contos e I Concurso de
Poemas do IF Goiano.**



**Contando Histórias de Goiás a Paraty:
Coletânea dos ganhadores do
VIII Concurso de Contos e I Concurso de
Poemas do IF Goiano.**

Organizadores:

Roseli Gonçalves da Rocha
Caroline Guimarães Silva
Geísa d'Ávila Ribeiro Boaventura
Ausbie Luís Graça Araújo
Márcia Maria de Borba
Eduardo de Faria Viana
Claudio Virote Lacerda

Organizadores: Roseli Gonçalves da Rocha, Caroline Guimarães Silva, Geísa d'Ávila Ribeiro Boaventura, Ausbie Luís Graça Araújo, Márcia Maria de Borba, Eduardo de Faria Viana, Claudio Virote Lacerda.

Revisores: Ana Alice dos Passos Gargion, Bruno Silva de Oliveira, Bruno Oliveira Silva, Claudine Faleiro Gill, Denise Dias, Graciele Talita Duarte Siqueira, Joselina Alves Cardoso, José Ângelo Gomes Nunes, José Antônio Cardoso, Jussara de Fatima Alves Campos Oliveira, Luciana Rezende Fernandes, Maria de Lourdes Jacinto Caetano, Maria Luiza Bretas, Maiele Sousa Silva Lima, Mirelle Amaral de São Bernardo, Mônia Franciele de Souza Dourado, Ondina Maria da Silva Macedo, Rafael Alves Oliveira, Ruth Aparecida Viana da Silva, Solange da Silva Corsi, Valdomeria Neves de Moraes Morgado, Waldeir Eterno da Silva, Wilciene Nunes do Vale.

Revisão-geral: Solange da Silva Acorsi.

Projeto Gráfico e Capa: Adson Pereira de Souza

Bibliotecário responsável: Johnathan Pereira Alves Diniz

O conteúdo desta obra é público e poderá ser reproduzido integralmente ou em partes, desde que citada a fonte. O conteúdo e os temas abordados nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores. Eximindo-se assim a responsabilidade legal do Instituto Federal Goiano, sobre possíveis futuras contestações ou quaisquer outras alegações.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

F237

Farol literário: contando história de Goiás à Paraty / [Organização de] Roseli Gonçalves da Rocha; Caroline Guimarães Silva; Geísa d'Ávila Ribeiro Boaventura; Ausbie Luís Graça Araújo; Márcia Maria de Borba; Eduardo de Faria Viana; Claudio Virote Lacerda. – 1. ed. Goiânia, GO: IF Goiano, 2022.

46 p., il.: color.

VIII Concurso de contos e I Concurso de Poemas do IF Goiano.

ISBN (e-book): 978-65-87469-32-4

1. Literatura Brasileira. 2. Contos. 3. Poesias. 4. Literatura Goiana. I. Rocha, Roseli Gonçalves da. II. Silva, Caroline Guimarães. III. Boaventura, Geísa d'Ávila Ribeiro. IV. Araújo, Ausbie Luís Graça. V. Borba, Márcia Maria de. VI. Viana, Eduardo de Faria. VII. Lacerda, Claudio Virote. VIII. Instituto Federal Goiano.

CDU: 821.134.3(817.3)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

**Contando Histórias de Goiás a Paraty:
Coletânea dos ganhadores do
VIII Concurso de Contos e I Concurso de
Poemas do IF Goiano.**

Edição 2022



INSTITUTO FEDERAL
Goiano

Apresentação

O Projeto Farol Literário está na sua VIII edição, tendo como principal objetivo, incentivar os que gostam de literatura a produzirem contos, retratando a arte e a cultura em suas histórias. O projeto é coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex), por meio do Núcleo de Arte e Cultura do IF Goiano (NAIF) e em parceria Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI).

O projeto é executado desde 2013. Entretanto, devido à pandemia de COVID-19, a edição de 2020 não foi realizada. E em 2021, ainda sob restrições sanitárias, foi realizado no formato remoto.

Além dos contos, o edital oportunizou a escrita de poemas, com participação da comunidade em geral, cumprindo um dos objetivos primordiais da extensão: o atendimento ao público externo.

Outra novidade na VIII edição foi a divulgação do projeto na Feira Literária do Vale do São Patrício (FLIVASP), parceria que permanecerá em 2022.

Este e-book compreende a produção dos melhores contos e poemas de estudantes, servidores e dos participantes da comunidade externa ao IF Goiano, escrito por autores que têm em comum o amor pela literatura. A produção literária oferece experiências que refletem na formação

humana e profissional, e contribui para o desenvolvimento da criatividade, o exercício da imaginação e o favorecimento ao acesso a diferentes saberes.

Boa leitura!

Sumário

A dor de Maria

Por Heloísa Arquiluna Delfino da Silva – IF Goiano Campus Rio Verde ... 9

A Rasteira

Por Marianna Brás Moreira – IF Goiano Campus Ceres 14

A triste felicidade assombrada pela escuridão

Por Pedro Júnio Santiago dos Santos – IFBA Campus Valença..... 19

Divino e profano

Por Marcos Eustáquio Soares – Caixa Econômica Federal 22

Doutor João

Por Regina Ruth Rincon Caires – Instituição não informada..... 24

Incerto Amanhã

Por Matheus Fernandes de Sousa – Colégio Estadual Elias de Araújo
Rocha – Iporá/GO..... 28

Marcha fúnebre à Brasília

Por João Crisóstomo de Siqueira Neto – IF Goiano Campus Ceres..... 30

Mensagem paradoxal

Por Fabiana Angélica Luiz Pereira – Unopar..... 31

Natureza de Nara

Por Guilherme da Silva Graf Odi – IF Goiano Campus Hidrolândia 32

Quem é a noiva de Lisboa?

Por Lauryane Fonseca Terra – IF Goiano Campus Ceres..... 39

Tudo que me resta

Por Iara Matias – IF Goiano Campus Campos Belos 41

A dor de Maria

Por Heloísa Arquiluna Delfino da Silva – IF Goiano Campus Rio Verde

Você sabe em que lugar da sua barriga fica o seu fígado? Bom, eu não sabia e tinham acabado de me perguntar isso. Devo confessar que eu não prestava muita atenção nas minhas aulas de biologia no ensino médio. Decidi chutar a resposta. “É, um chute” – pensei. Tinha certeza que ele ficava onde estava doendo. Apontei, com a mão aberta para ter uma margem de erro, para o pé da minha barriga. Hoje, pensando no passado, vejo que era mais prudente ter colocado a mão aberta no meio da barriga, como fazem os vestibulandos que vão sempre na alternativa “C”, quando não sabem a resposta.

- Errou. — Riu o médico e continuou falando — Posso levar sua mão até onde ele realmente fica?
- Pode — eu disse —, mas fiquem tranquilos, o médico era gente boa.

A minha mão que antes estava no “Paraná” foi rapidamente deslocada para o “Mato Grosso do Sul”. Ah, o “Mato Grosso do Sul” – significava que tudo estava bem com ele. Fiquei aliviada, pois, se ele estivesse bem, eu poderia continuar tomando a minha terapia.

É estranho pensar nisso, mas a minha mãe, que também estava na sala, pareceu não ter ficado tão contente ao saber que o meu fígado estava bem. Ela sempre apresentou um comportamento reservado em relação à minha transição. Então, talvez ela pensasse que, se eu precisasse parar por um motivo médico, ela teria o tão sonhado menino, homem,

que daria muitos netos e parte do orgulho machista que meu pai queria ter de mim, aquilo de “e as namoradinhas?” que todo tiozão repete nos eventos de família.

Mas era verdade: o alívio era só meu, porque alguma coisa dentro de mim ainda estava doendo, o que vejo agora ser motivo suficiente para ela não ter ficado mais tranquila. Logo, podemos descartar o pensamento que tive na época.

Deus do céu, quase me esqueci, alguma coisa em mim estava doendo! Na época, lembro de ter pensado que era algum rim meu. Fiquei desesperada e toda chorosa porque lembrei que eu vivia vendo o Drauzio pedindo para eu (e para milhões de outras pessoas) beber água. Perder um rim era perder a possibilidade de doar para alguém querido ou consertar minha situação financeira em um possível futuro de garrafinhas de água negligenciadas. O mercado negro pode ficar tranquilo, porque, quase como um telepata, o médico disse:

- Não deve ser seu rim. Caso fosse, você não estaria aguentando.

Outro momento de alívio. Devia ser algum órgão de funções mais simples e que até poderia ser descartado, como uma vesícula ou um apêndice.

- Está de jejum? – perguntou o médico.
- Ela tá. Eu fiz ela ficar. – respondeu a minha mãe, do lado.
- Ótimo! Maria, agora vamos para a ultrassom.

Não falei, mas, nós, que fazemos a transição hormonal de gênero, temos que fazer muitos exames de ultrassom. Mesmo assim, ainda não me acostumei com o gelado do gel que, geralmente, vai na minha barriga para fazer o exame. Médicos gostam muito do frio. Basta ver o ar condicionado no consultório que fica ligado no menos quatorze por horas.

O frio incomodava, mas me incomodava mais ainda não saber o que estava doendo, pois já não tinha mais o medo de descobrir. A imagem que aparecia na tela não me ajudava. Refletindo, isso me faz admirar médicos: eles têm que entender coisas difíceis de entender, começando pela letra deles.

- Maria, a imagem está confusa. Vou solicitar a ajuda de um amigo.
 - disse o médico, deixando-me com a minha mãe na sala.
- Também sentindo os efeitos do “frigorífico”, chamado carinhosamente de consultório, minha mãe disse:
- Que frio! — e continuou — Maria, isso acontece com frequência?
- Não, é a primeira vez.
- Estranho.
- Também achei.
- É ruim descobrir essas coisas.

Nesse momento, percebi que minha mãe tinha as mesmas inseguranças quanto a ir ao médico. Tirando a transição, eu pensava que, se eu não fosse ao médico, nunca iria descobrir nenhuma doença.

A porta se abriu. O médico trouxe o colega de profissão com ele e me apresentou. O convidado ao polo-norte pegou o aparelho de ultrassom e disse:

- Com licença.

Mexeu, mexeu. Apertou-me um bocado.

- É isso mesmo. — disse o colega do médico.

Suspense, suspense. Esse pessoal gosta de guardar a informação com eles até o último momento. Se não fossem médicos, eu digo, eles poderiam ser tremendos e irritantes apresentadores de TV. Se você estivesse comigo, provavelmente, sentiria a música do intervalo comercial subindo e deixando todo mundo louco, na curiosidade.

- Então, Maria, você tem algo que se parece muito com um bebê dentro da sua barriga. Contudo você não possui útero e nenhuma outra parte do sistema reprodutor feminino. — disse o médico.

Como podia ser? Eu, desde criança, sempre tive o maquinário de menino, mesmo que não usasse. Não podia ser. Eu o odiava e todo dia tinha que ser lembrada da existência dele ao tomar banho ou fazer xixi. Mesmo “o” odiando, eu verifiquei. E ele continuava lá. Nenhuma “Santa Catarina” tinha aparecido do nada, não tinha como. Aliás, eu era e ainda sou virgem, quer dizer, eu não sei - teve um amigo do meu pai que descobria o Brasil e invadia o meu “Rio Grande do Sul” por muito tempo quando eu era uma criança. Ah, não se preocupe, só digo isso porque deixei de me odiar e passei a odiar o ex-amigo do meu pai, que hoje aduba uma bela plantação de milho na BR-060, sentido Goiânia.

Terapia ajuda.

- Eu recomendo que você tire, porque é quase certeza que essa não é uma gravidez saudável. A criança, se é que podemos chamar assim, nascerá, se nascer, com inúmeros defeitos genéticos. — disse o colega do médico que ensinou onde ficava o meu fígado.

Minha mãe ficou muito espantada com a possibilidade. Assim como eu, que não estava preocupada com os “e se” por ainda estar preocupada com os “como” da situação.

Enfim, saímos de lá e decidimos o óbvio.

Hoje o João tem cinco aninhos e está gostando muito das aulinhas de inglês. Minha mãe e eu o estamos criando “de boa”, mas sempre deixando-o escolher entre carrinhos, bonecas ou dinossauros. (Brincadeira! Ele tem mais brinquedos que essas três opções).

Ele se parece muito comigo fisicamente, quando era criança. Até diria que ele é meu filho-gêmeo, que a mamãe trans aqui ama de todo coração. Sei que ainda é muito cedo para me perguntar isso, mas, de vez em quando, me pego pensando: será que ele vai me dar um netinho-gêmeo?

A Rasteira

Por Marianna Brás Moreira – IF Goiano Campus Ceres

Era uma vez uma cidadezinha pacata, no interior de Goiás, onde moravam uma moça que se chamava Anna, juntamente com sua mãe e sua irmã mais velha, Susana e Maria, respectivamente.

Anna era uma garota ruiva, de olhos cor de mel, estudava em um internato que ficava na capital, há mais ou menos trezentos quilômetros de sua casa, onde era obrigada a fazer diversos trabalhos e muito mais. Estudar ali era como estar em uma prisão. Ela não tinha muitos amigos, se sentia solitária, quase nunca conversava com seus colegas, devido às divergências de opinião, mas isso tudo mudou quando, no final do semestre, entrou um novo aluno em sua turma, chamado Renato.

Renato era um garoto misterioso. Aparentava ser o mais velho da turma. Ninguém sabia ao certo sua idade, de onde terá vindo, ou até se possui família, mas nada disso fazia a menor importância para Anna, já que ela se apaixonou só de olhar para ele com aqueles cabelos castanhos e aquela voz aveludada. Foi aquele famoso ‘amor à primeira vista’.

Certo dia, ao andar pelos corredores do internato, esbarrou-se com Renato. Foi ali que tudo começou. Seus livros caíram e ela, toda tímida, disse:

– Oi! Estudamos na mesma turma.

E ele, um garoto aparentemente mais velho, com toda sua experiência, já havia de notar que ela estava apaixonada. Então, respondeu-lhe o seguinte:

- Encontre-me em meu quarto, número 66, hoje, depois que todas às luzes estiverem apagadas.

Sáíram os dois dali, um para cada lado do corredor, e agiram normalmente, como se nada tivesse acontecido.

Anna ficou martelando aquilo na cabeça o resto das aulas, sem saber o que aconteceria, . se ela fosse até o quarto dele quando todas as luzes estivessem apagadas. As horas foram passando, e ela ficava cada vez mais ansiosa e insegura, até que escureceu e só havia mais uma luz acesa no internato, que era a do quarto de Renato.

Num momento de coragem, movida pela curiosidade, ela resolveu, então, sair de seu quarto para ir até o dele. Abriu a porta devagar, para não fazer barulho e acordar os outros alunos e supervisores, saiu na ponta dos pés, por aquele enorme corredor, até que chegou no quarto de número 66, que ficava do outro lado do internato, na ala masculina. Seu coração começou a acelerar. Então, respirou profundamente pelo nariz, soltou pela boca, criou coragem e abriu a porta do quarto dele, que estava apenas encostada.

Ao abrir a porta, uma surpresa! Não o viu, apenas escutou a água caindo no banheiro, pois ele estava tomando banho. Então, ela se sentou na cama que ficava em frente ao banheiro. Minutos se passaram e ela murmurou:

- Tudo bem aí no banheiro?

Ele, então, desligou o chuveiro, colocou a toalha amarrada na cintura, saiu do banheiro, parou de frente a ela e respondeu, com a voz aveludada:

- Melhor agora!

Vendo aquele corpo musculoso, senti uma sensação que não há de sentir nunca. Seria a primeira vez. Ela não sabia o que estava sentindo. Só sabia que queria abraçá-lo e beijá-lo loucamente.

Renato, então, olhou-a nos olhos e disse:

– O que você espera que aconteça aqui?

Confusa, e respirando profundamente, não consegue respondê-lo. Então, ela se levanta, com apenas 1,60 de altura, vai em sua direção e...

Com a cabeça abaixada, olhando para ela encostada em seu peito, ele também sente uma sensação diferente, mas não a mesma que ela. Sente vontade de abraçá-la e cuidar dela. Dentro daquele quarto as coisas começam a esquentar. Em silêncio, Anna, então, levanta sua cabeça, tira sua blusa, desamarra os cabelos e lhe dá um beijo ardente.

Surpreso com aquela atitude, ele retribui o beijo, pega-a em seus braços e a joga em sua cama. Em um momento de cuidado, pergunta a ela:

– Isso é o que você realmente quer?

Ela se revela e perde a timidez, entre quatro paredes. Então, com a voz estremeçada, responde:

– Desde a primeira vez que te vi!

Ele, então, vai deslizando sua mão pelos seus seios, puxa seus cabelos ruivos e a beija com vontade.

Os dois jovens, então, passam aquela noite como se não houvesse amanhã. Penetram a profundidade de seus corpos, como se estivessem penetrando suas almas.

Na madrugada, após toda a vivência daquelas sensações, Anna retorna ao seu quarto, sem acordar Renato, que estava dormindo profundamente.

Na manhã seguinte, os dois se olham com olhar de desejo nas aulas, mas agem como se aquela noite não tivesse acontecido.

Naquele término de semestre, Anna mal esperava, mas Renato tinha namorada, que posteriormente iria na instituição com o intuito de buscá-lo, para os dois aproveitarem as férias em uma bela cidade, que, por coincidência, seria a cidade em que ela morava, no interior de Goiás.

Anna, então, aos prantos, por se sentir enganada, pega logo suas malas e vai embora, passar as férias em sua casa, com sua família. Mas, ao chegar lá, ela se depara de cara com Renato. Mal sabia que ele era o namorado de sua irmã.

Maria, então, apresenta seu namorado para família:

- Anna, Mamãe, este é meu namorado, de quem eu tanto falava!

Assustado, ele se apresenta:

- Olá, Anna! Olá, Susana!
- Prazer!

Os dois, naquela casa, sentiram todas aquelas sensações, tendo que fingir não se conhecerem. Estava difícil enganar Maria.

Mas não havia de ser diferente. Ele espera todas dormirem e vai até o quarto de Anna. Ao chegar, encontra-a deitada, com os olhos inchados de tanto chorar, ao descobrir que foi enganada. Então, ele se senta e pede para conversar com ela:

- Anna?
- O que foi, Renato? Não está satisfeito com a merda que já fez?
- Desculpe-me! Não sabia que eram irmãs.
- Eu confiei em você! E você me decepcionou, como todos!
- Isso vai ficar só entre nós. Não vamos deixar Maria saber disso.

Anna, ainda apaixonada por ele, não consegue evitar, e os dois, com toda aquela química na cama, sozinhos e magoados, ficam novamente juntos, embaixo do nariz de Maria. De repente, uma voz surge no momento do ato:

- Renato! Amor?

Maria, então, abre a porta do quarto de Anna e se depara com uma cena e com barulhos que jamais esquecerá.

Ela se depara com seu namorado e sua irmã juntos, mas, ao contrário do que eles pensavam, Maria não reage aos prantos ou demonstra qualquer reação de raiva. Ela se sente aliviada, pois estava grávida e o pai do filho que ela esperava era Ruan, o pai de Renato.

A triste felicidade assombrada pela escuridão

Por Pedro Júnio Santiago dos Santos – IFBA Campus Valença

Era época de outono. Naquele tempo, o circo italiano estava no seu crescimento. Todos com os seus sorrisos estampados no rosto e suas expressões de felicidade, escutando o anúncio do espetáculo. Havia arqueiros com suas astúcias em atirar numa maçã, em alvos distantes; também os levantadores de peso, os malabaristas, e várias outras atrações circenses.

Mas havia um personagem que todos esperavam. Era o palhaço Felicità del circo, a atração principal. Junto com seus truques para fazer a plateia rir, ele realizava mágicas para o público, cheio de surpresas, sempre com um sorriso no rosto. Era de se estranhar tantos risos. Sempre estava com sua pintura facial alegre.

Era lua cheia, em uma noite escura. Ainda não era o dia da atração principal. Surgiram rumores de que, próxima à vila onde o circo estava, havia uma floresta, onde alguns moradores escutavam sons de uma ópera perturbadora, na qual espíritos dançavam e murmuravam à noite. Os habitantes antigos contavam histórias que diziam que naquela floresta existia a verdade para as almas cansadas que buscavam sua luz na escuridão.

Felicità escutou todas essas histórias por conversas do povo, mas o que estava além do sorriso esboçado do palhaço? No dia do seu espetáculo, ele entra no palco com um tipo de pintura diferente no rosto: em um lado, ele chora poças d'água e, no outro, expressa o seu velho sorriso rotineiro. Olha para toda a plateia, faz suas graças, e todos riem. Repete o mesmo ato com seus truques, e novamente todos desaguam em risos.

Então, o maestro anuncia a hora do intervalo para todos aproveitarem a feira de alimentos ali perto. Felicità, dentro da sua cabine, relembra sua trajetória circense e todos os sorrisos que já presenciou no mundo. O palhaço estava cansado daquilo tudo, de observar tantos esboços falsos. A verdade é que, antes do momento em que entrou na sua cabine, ele tinha adentrado na tal floresta em busca de respostas para o vazio colossal do seu peito. O público achava que o palhaço era feliz, mas, verdadeiramente, dentro de si, ele era a própria solidão.

Na floresta, então, ele se sente sozinho: a solidão o fez desabar em lágrimas, a sua alma estava submergida no vazio. Felicità deixa sua alma circense ali mesmo. O palhaço agora está morto por dentro, sua pintura facial começa a se despedaçar, ao passo em que seu espírito começa a dançar junto aos espíritos da floresta sombria, ao tom daquela solitária sonoridade.

Até aquele momento ninguém sabia do acontecido, ninguém tinha a mínima noção da dor de um sorriso ofuscado. E depois dessas lembranças que o amordaçaram mais ainda, ao ponto de cometer tal ato, ele sai da sua cabine e volta ao palco de cabeça baixa. O maestro anuncia o grande final do show de Felicità para o povo. O palhaço segue em direção a sua plateia com um buquê de rosas vermelhas como sangue. Suas lágrimas borraram o lado alegre, deixando só a solidão intacta. Então, ele levanta a cabeça e diz:

- A felicidade do circo está acabada! A partir desta noite, eu me chamarei Obscuritá, o amanhecer nebuloso, a noite fria e tempestuosa, o cair de folhas envelhecidas pelo tempo; a escuridão.

Todos ficaram assustados com a mudança de cenário, e em seguida, já enlouquecido, ele ri de forma amedrontadora. Obscuritá, então, desaba em lágrimas, sem murchar a essência poética das flores, borrando todo o seu esboço facial. Logo então, ele corre para a floresta que todos

temiam. E a seguinte coisa que as pessoas escutaram, depois do acontecido, foram as palavras dele em um triste tom, dizendo:

- É tudo parte desse espetáculo de horrores que é a vida. Tirem suas máscaras! Basta de falsos esboços! Eis aqui o gran finale!

Divino e profano

Por Marcos Eustáquio Soares – Caixa Econômica Federal

Entregar-te a paz do meu sumiço...
Pudera eu, nada mais que isso,
Fazer quando estivesse contigo
Mesmo sob o mais singelo abrigo.

E quem sabe, sob o mesmo teto,
Contemplar-te nua por completo
Ser só teu e tornar-te só minha,
Ser Rei e teu súdito, Rainha!

Desfazer-me no teu corpo quente
E voltar ao mundo lentamente...
Quisera eu, vassalo iludido,
Tolo amante por ti exaurido...

Abraçar-te após o amor insano,
Celebrando o divino e o profano
Que doce presente isso seria...
Quem é que isso não quereria?

E eu digo: querer-te-ia mais,
E em doses cada vez mais letais!
Viver sem ti seria impossível,
Sem propósito e inadmissível!

Vem! Aceita a paz do meu sumiço!
Quisera eu nada mais que isso:
Dar-me ao amor que se dê a mim...
Somente isso, do início ao fim!

Doutor João

Por Regina Ruth Rincon Caires – Instituição não informada

Nem mesmo colocando a cadeira no vértice da varanda, que contornava todo o ambulatório médico, onde o vento circulava sem qualquer barreira, era possível se livrar do incômodo mormaço do janeiro abrasador. Fornalha exposta.

Após o almoço, quis tirar um cochilo, mas o ventilador do alojamento em nada ajudava. Apenas circulava o vento quente, tal qual expelido de vulcão.

Olhava a mata, à frente. As árvores, com folhas estáticas, pareciam pintura em tela. Imponentes, adensadas. Silêncio abissal. Uma vez ou outra, apenas um pio cortava a quietação.

Uma semana, desde que chegara. Recém-formado, assumiu o posto de tenente-médico, fruto de alistamento voluntário. Naqueles tempos, única saída para iniciar a carreira com remuneração que lhe permitisse, futuramente, instalar um consultório. E as surpresas começaram ainda no embarque. Avião militar, trajeto São Paulo – Campo Grande. Primeira viagem aérea, os solavancos da aeronave mais pareciam galopes de cavalo. Medo, pavor. De Campo Grande a Miranda, helicóptero. Apavorante.

Chegou quando a noite começava. Apresentado ao comando, ele seguiu para o espaço que, particularmente, lhe cabia. Ali estavam os uniformes. Verde-oliva, engomados. Coturnos reluzentes. Estranho, mas seria a vestimenta que envergaria por muito tempo.

Aguardava mais dois companheiros, também novatos, vindos de terras distantes.

Coronel Dantas era o chefe, médico experiente, próximo da reserva.

Ali, corpo largado na cadeira, suor brotando por todos os poros, a cabeça divagando pelos novos hábitos a serem vividos, só retomou o tino quando viu uma pessoa correndo pela estrada, lá adiante. Comprimiu os olhos para acurar a vista. Era um índio da redondeza.

Colocou-se de pé e foi ao encontro do homem. A inclemência do sol o fez abrigar-se sob a primeira árvore da estrada. O índio se aproximou, extenuado. Antes de falar, foi levado à varanda para beber água. Saciado, contou que, desde manhã, a mulher estava em trabalho de parto, com muito sofrimento e que exigia cuidado médico.

João correu ao ambulatório. Juntou os apetrechos, aos gritos, chamou o sargento Ribeiro, motorista nas emergências. No jipe estava a mochila com os primeiros socorros. O índio se ajeitou no banco traseiro e partiram. Na estrada de terra batida e pedregulhos, a poeira vermelha invadia o ar. O sargento pisava fundo, os pneus erguiam pedriscos que voavam por todos os lados. O pobre do índio se ajeitava como podia no banco de lata do velho jipe. Só se ouviam os gemidos das pancadas.

Levou mais de hora para se chegar à tribo. Um silêncio profundo reinava no ambiente. As crianças, levadas para perto do rio, brincavam por lá. Os adultos, recolhidos nas palhoças, pouco conversavam. Ou não conversavam.

O índio, tomando a dianteira, levou João para a cabana onde estava a mulher. Ao entrar, nada podia ser visto. A luz ofuscante do sol, lá fora, fez com que os olhos levassem tempo para vislumbrar o interior do casebre. Num banco, sentadas, uma velha e uma mulher bem mais

jovem. Um gemido entrecortava o silêncio. Não vinha da mulher sentada no banco.

João olhou na volta toda, percebeu a ponta de uma corda arrastando no chão. Olhou para cima. A índia, dependurada na corda, gemia. Foi um susto tremendo. Escalar a corda era o exercício para provocar o parto.

O sangue escorria pelas pernas da mulher. João pediu a ela que descesse e se ajeitasse na rede. Após observar que a criança estava encaixada, pronta a nascer, o médico tentou pressionar o ventre. A índia empurrou as mãos dele, desceu da rede e colocou-se de cócoras sobre um amontoado de folhas de coqueiro, num canto da cabana. Contorceu-se, gemeu, gritou, e o menino nasceu.

João aparou a criança, cuidou dos procedimentos e o choro forte do moleque irrompeu pelos ares. A velha se levantou, pegou o menino, imergiu o pequeno na água da gamela, passou ligeiramente um trapo pelo corpinho e o enrolou em folhas de bananeira. Em seguida, colocou o bichinho no colo da outra mulher, que continuava sentada, e, esfomeado, ele começou a mamar. Calou o choro.

João continuava cuidando da índia. Percebeu a temperatura elevada, a sonolência. Ela sangrava muito. Fez a assepsia, medicou. Logo, ela dormiu. Carecia esperar. Assustado com tudo e sem mostrar, o médico foi para a porta. A tarde ia alta, a noite não demoraria. Sargento Ribeiro aproximou-se. Sabendo que o atendimento seria longo, João fez anotações num papel e pediu ao companheiro que voltasse ao acampamento, levasse o papel ao Coronel Dantas e que também trouxesse alguma coisa para comer.

O menino dormia profundamente, sereno. De quando em quando, a mulher do banco lhe oferecia o peito. Sargento Ribeiro voltou na noite escura. Então, a índia recebeu novos medicamentos.

Sob um céu crivado de estrelas, João aguardava o passar das horas. A resposta estava na força da índia. Acomodado no jipe, o sargento dormia. Era madrugada quando a mulher despertou. Sem febre, sem sangramento, olhos mansos. A luz tênue do candeeiro mostrava o quanto ela era jovem, jeito tímido. No rosto, um leve sorriso. Quis ver o menino. Ele dormia.

Hora de partir. João foi até à rede onde estava o pequeno. Os olhos negros, feito jabuticabas, observavam os movimentos. O médico colocou o dedo na mão do indiozinho. Rapidamente o pequeno o enlaçou. João ficou emocionado.

Depois de orientar a velha sobre os cuidados, o médico, sem mais palavras, fez um afago na mãe e saiu da cabana. Ao entrar no jipe, fim de madrugada, sentiu que o índio pousou a mão no seu braço. Apenas ouviu:

– O menino vai ter o nome de João...

Incerto Amanhã

Por Matheus Fernandes de Sousa – Colégio Estadual Elias de Araújo
Rocha – Iporá/GO

Não há nada tão incerto
Quanto o incerto amanhã...
Tantos planos, sonhos e projetos
Essenciais e até banais
Nos induzem a arquitetar
Um amanhã que pode não chegar!

Abandonando a doce ilusão
De termos todo tempo do mundo
Daremos mais um abraço
Como se fosse o último
Afim, aqui somos passageiros
Prestes a partir a qualquer minuto.

E naquele condomínio fechado
Que tem o nome de cemitério
Pobres, ricos e milionários
Ao findar de seus dias no calendário
Se igualarão sob o rés do chão
Sendo isso nenhum mistério.

Quanta arrogância e ambição
Acumulando tesouros na terra
Né, Marias e Joões?!
Independente da cor nos dada

Teremos o mesmo destino
Desta vida não se leva nada!

Escuta ô, trapo de imundícia!
Tu que te achas linho fino
Por teres muito ouro e prata
E vives iludido neste mundão
Acorda, hoje ainda é tempo
Ama o próximo como a ti mesmo
E nunca te esqueças:
O amanhã não te pertence, não!

Marcha fúnebre à Brasília

Por João Crisóstomo de Siqueira Neto – IF Goiano Campus Ceres

“O vírus mortal já assola o país”
Eis a manchete, ‘mutei’ o canal
Estou preso em casa com a TV Senado
Enquanto em Brasília está tudo igual

Estão sorrindo e contando mentira
E nem é primeiro de abril
Negaram vacina, deram cloroquina
Ultrapassou a meta que era 30 Mil

– Papai tem que salvar a economia!
Sem auxílio, sem verba e sem meta
Se o governo corta verba do esporte
Como é que o favelado vai ter porte de atleta?

Privilégios para os militares
Morte para o povo civil
Quem brandou que não era coveiro
Abriu cova rasa e enterrou o Brasil

Loop eterno nesse pesadelo
Luto eterno a cada funeral
O país morrendo e tem gente lucrando
Com a marcha da morte rumo à capital

Mensagem paradoxal

Por Fabiana Angélica Luiz Pereira – Unopar

O presente momento trouxe o social distanciamento
Mas sou incrédula no que se refere ao tempo, isso não vem do presente.
É atemporal o Ser ausente, a solidão gritante e o sistema individualizante.
Muitos crêem realmente que a enfermidade mundial temporal foi o que
trouxe a frieza da falta do abraço, o vazio dos sorrisos,
Mas em contrariedade com essa premissa, acredito que o desamor já vem
de outros tempos, de outros tipos de sentimentos ou da ausência destes.
O momento atual nos trouxe uma mensagem
Do retorno à simplicidade, à união e ao exercer da real fraternidade.
Tempo dos pais passarem tempo com seus pequenos nas tarefas escolares ,
Tempo de professores terem mais tempo para a família,
Tempo de repensar atitudes e valores,
Transformar necessidades em experiências.
Atitudes que farão diferença, no contexto do porvir ,
Experiências que darão um novo sentido ao existir,
Colocando o foco no lugar certo
Onde a prioridade será o Ser humano, e não o objeto.
Essa é a expectativa, o homem costuma ter memória curta,
Mas se espera que isso se cumpra, esse ideal simplista e utópico ,
No qual as relações se transparecem e simplificam,
Onde a confiança possa ter apoio sólido e encontre caminhos concretos
ao invés de paredes de concreto,
Solidez nas cooperações ao invés de sordidez,
Que haja verdadeira hombridade, solidariedade, sensatez,
Que a sensibilidade traga ao mundo o brilho da já anunciada verdade
Que venha a transição que nos trará a necessária claridade.

Natureza de Nara

Por Guilherme da Silva Graf Odi – IF Goiano Campus Hidrolândia

Mantenho as mãos dentro do casaco, e os pés apoiados no banco do motorista. Acredito que isso não incomodaria meu pai... Observo a janela do carro pelo lado de dentro e percebo a neve se acumulando nas frestas e embaçando lentamente o vidro, enquanto meu pai atravessava a silenciosa, vazia e bela rodovia cheia de curvas e altos e baixos da íngreme região de Alberta, do Oeste do Canadá. Meus avós tinham uma fazenda afastada da zona urbana da província. Era lá que costumávamos passar o Natal todos os anos, eu, papai, mamãe e meu cachorro Shiba.

Já era dezembro, quase fim de ano. Meu nariz e minhas orelhas continuavam geladas. Talvez eu devesse cochilar um pouco, assim meu nariz poderia parar de escorrer. Ao abrir os olhos, minutos depois, percebo que o clima sombrio, por conta da falta de iluminação na estrada causada pela densa vegetação, foi desaparecendo, enquanto meu pai tirava a neve e as folhas secas e escuras, com o limpador de para-brisa, e ia acelerando na estrada.

– Agora que a rodovia ficou reta, significa que atravessamos a serra. Estamos nos aproximando da fazenda!

Meu pai repetia aquilo em todas as viagens, tornando aquele momento de alívio um clichê desnecessário. A viagem continuava silenciosa. Era possível ouvir apenas os ruídos do motor do carro, dos pneus, do aquecedor e do meu coração, pois só de pensar no fim dessa entediante viagem, meu coração palpitava e meu estômago revirava-se, como con-

sequência da extrema ansiedade que sempre sofri desde pequeno, e em seguida, com certeza a vontade de ir ao banheiro fazia parte da rotina que a ansiedade me cedia.

- Pai, estou ficando apertado.
- Sinceramente, ainda estamos longe. Teremos que parar em algum acostamento.

Ao se abrir, a porta do carro havia se transformado em uma porta de geladeira e o vento gelado tornava meus movimentos lentos e trêmulos. Bato o pé no chão de leve duas vezes...

- Já volto.
- Não demore!

Ao atravessar a cerca, ligada a fios de metais, ouço um ruído no qual sou incapaz de identificar se é grosso ou fino, mas era indubitavelmente de um animal. Ao limpar as lentes do meu óculos, que sofria constantemente com o vapor que saía da minha boca, percebo outro vapor não tão distante de mim.

- É lindo!

Um cervo vermelho, filhote, estava deitado em folhagens e encostado numa pedra gigantesca, chorando e tremendo, enquanto o vapor saía de sua boca, quando elevada ao céu, como se o animal chamasse por qualquer ajuda, mesmo se isso colocasse sua conta em risco.

- Onde está sua mamãe?

Aproximo-me lentamente e percebo que o animal mantém o silêncio ao perceber minha presença. Era uma imagem que eu jamais havia presenciado: um animal tão belo, numa vegetação tão bela, em uma situação de abandono e solidão. Eu me ajoelho diante do cervo. Enquanto nos encaramos, permanecemos imóveis, apenas com a presença do som do vento balançando e derrubando as folhas secas. É isto! Era minha primeira paixão, uma paixão à primeira vista. O cervo abaixa sua cabeça lentamente e lambe minha mão, com sua língua quente e seca, sinalizando sede, além de frio e dor.

- Francisco, por que a demora?
- Ele está sozinho e com sede.

Meu pai havia premeditado qual seria minha decisão.

- Francisco, ele é um animal selvagem. Este é seu habitat. Não podemos assumir a responsabilidade de uma natureza que não temos controle e que não nos pertence.
- Então me explica as cercas. Com elas aqui, eu não entendo esse controle que nós não temos sobre eles... Sem ele eu não saio, pai. Não vou carregar essa culpa, por não entender sua filosofia sobre os animais.

Meu pai começa a rir descaradamente, e sei que isso ocorre quando ele está prestes a fazer uma loucura. Ele coloca as mãos sobre meus ombros e em seguida me abraça.

- Olha, vamos tentar, mas sua mãe irá nos matar!

Meus avós nos recebem na entrada da fazenda, com todo aquele ritual tradicional, do café na mesa, pão, doces e todas aquelas histórias que envolvem lembranças e memórias familiares.

- Francisco, querido, seu vovô irá caçar com seu pai mais tarde. Deseja acompanhá-los?

Eu, particularmente, odiava a ideia de caçar animais. Eu não gostaria de ir, mas se ficasse teria que aturar a implicância da mamãe e o semblante sarcástico da minha vó, que insinuava uma vontade de me internar em um sanatório, pelo fato de eu ter trazido um cervo pra fazenda deles.

- Vamos descer pela nossa pequena plantação de canola, já destruída pelo tempo frio, e atravessar o córrego. A partir dali iremos encontrar alguns predadores.

Já calçávamos as botas, enquanto meu avô pegava sua espingarda e meu pai sua faca de prata que tanto amava. Caminhávamos no frio, atravessando uma densa taiga escura, com galhos vazios. Atravessamos o córrego com a infelicidade de molhar as botas e a barra da calça com aquele gelo líquido sujo, até que escutamos folhas sendo esmagadas, uma atrás da outra. Paramos e nos deitamos a mando de meu vó.

- Lobos! Mas não se preocupem. São filhotes de lobo cinzento. E ainda têm uma mancha branca na cabeça que nunca vi. Talvez seja gene.
- Mas eles costumam se locomover em alcatéia, certo?
- Sim, é até arriscado tentar algo.
- Vamos voltar! - Meu pai hesita o mais rápido possível. Ele não era um homem que costumava enfrentar aventuras. Aliás, ele possuía asma.
- Não posso...
- O que disse, vó?

- Não posso deixar passarem. É a segunda vez que os vejo na minha vida. É raro. Oportunidade única!

Meu vô carrega a espingarda e ajeita a posição mais adequada para acertar um dos dois filhotes que caminhavam divertidamente na beira do lago.

- PARA! - Meu avô se assusta e erra o tiro, fazendo com que os filhotes fugissem.

Eu não poderia permitir aquilo. Eu não poderia aceitar, não após me comprometer com o cervo. Mesmo que eu me tornasse uma vergonha para a família e estragasse o Natal, eu não conseguiria permitir algo assim. Meu avô se vira para mim com um semblante de frustração.

- Primeiro um cervo, agora o lobo. O que está acontecendo, Francisco? O que aconteceu com suas aulas de biologia? Você tem sequer noção de qual é o seu lugar nesse mundo? Você tem sequer noção do que é, e de onde vive?

- Eu sou um ser humano...

- E como ser humano, seu lugar na cadeia alimentar é no topo! Você defende alguma ética, política, ou apenas obedece nojos que seu estômago sente? Você é apenas uma criança que pensa estar num mundo fantasioso, uma utopia harmônica de forma interespecífica. Acorda, Francisco! Através da sua própria racionalidade pode defendê-los, mas eles não farão o mesmo contigo.

Meu avô se levanta junto ao meu pai, e caminham em direção à fazenda, enquanto eu tento segurar o choro e esconder a decepção.

3 meses depois – Fazenda dos avós

- Mãe, iremos voltar pra casa quando minha escola sair da greve?
- Não sei, meu filho. É um período de instabilidade econômica. O que resta é continuar aqui e esperar seu pai tirar uma folga e nos visitar na fazenda.
- Eu queria ir para casa, mas teria que deixar o cervo ir embora...
- Por falar nisso, por que não vai passear com ele? Ele cresceu bastante. Precisa andar!

Pego meu casaco, calço as botas e vou em direção ao estábulo. Vejo o Nara, nome que dei ao cervo. Encosto em seu rosto, beijo-o, e observo o quanto é lindo, e que não deixaria que nada de ruim acontecesse com ele.

- Vamos passear, garotão?

Atravessamos novamente a área onde se localizava a antiga plantação de canola, até chegarmos na Taiga, já com novas folhas verdes e lodos nos pés das árvores. Eu olho para o Cervo, mais alto que eu, enquanto a luz do sol penetra nas frestas deixadas pelos galhos e ilumina seus pelos vermelhos, tornando Nara um animal que explica bastante sobre o grande mistério, divino ou não, instaurado na nossa realidade. Observo-o. O tempo se torna lento. Enquanto tento me virar para trás, percebo que um enorme lobo havia dado um bote direto no pescoço do Nara. Entro em choque. Caído no chão, perco a força. O silêncio domina minha mente. Tudo se torna lento. Não sinto mais nada. Apenas observo o Nara sendo morto pelo lobo cinzento... Eu grito, grito apenas uma vez, num tom no qual jamais havia gritado. Um grito de desespero, de ódio, de dor, medo, pavor, pânico. Um grito que ecoa na silenciosa taiga, o qual faz o lobo correr.

- Nara... NARA! – Nara estava morto, diante de mim! O meu Nara...

Meu? O discurso de meu avô vem à tona na minha mente. Me faz questionar o porquê disso ocorrer, por que eu não pude proteger o Nara, por que o lobo, o exato lobo, de manchas brancas, que salvei a vida uma vez, fez isso comigo? O que eu sou para o lobo? Por que animais não são como nós? Mas mesmo sendo diferentes, o lobo estaria morto, nas mãos do meu avô. Eu entendia um pouco melhor. Talvez isso tudo fosse uma incógnita, uma incógnita que isentasse a irracionalidade de culpa, mas também uma incógnita que nos colocasse à prova da decisão, a qual apenas os humanos têm de fazer determinadas escolhas, decisões oriundas de reflexões, que animais não poderiam usufruir. Uma incógnita que abalava meu coração eternamente, talvez pelo simples fato de que eu, logo eu, fui o que menos tenha compreendido os animais, o lobo, meu avô, a natureza, e principalmente o Nara. Qual a relação entre a bondade e a ética? Qual a relação entre nós e os animais? Pude perceber, ao olhar minhas mãos cobertas de sangue do Nara, que nossas anatomias explicam o que de fatos somos, mas não explica o que de fato devemos fazer, o que talvez o fato de ter que saber o que devemos fazer, se aplique apenas a nós, humanos.

Deito-me no corpo de Nara, com o coração livre, por saber que o lobo não tinha escolha, nem Nara. Meu coração dói ao olhá-lo. Eu choro, aperto seus pelos com minhas mãos, e após um determinado tempo, me sinto de coração leve, por perceber que meu avô talvez estivesse errado sobre algo. Compreender a natureza não lhe dá o direito de tratá-la com indiferença, diante de situações que dizem respeito à elas, mas dá o poder de, apesar das diferenças, de nos colocarmos num patamar de escolha, a escolha entre raciocinar com compaixão e raciocinar sem compaixão. Mantenho-me com o coração livre por perceber que amei o Nara, e isso é suficiente.

Adormeço sobre o cervo, enquanto o vento balança meus cabelos e leva embora, aos poucos, o calor restante do corpo do querido Nara.

Quem é a noiva de Lisboa?

Por Lauryane Fonseca Terra – IF Goiano Campus Ceres

Seus cabelos são vermelhos, amplos ao vento
Sardas acerejadas, como pigmento
Lá vem ela de branco, embaixo do seu manto.
Azul celeste, seu olhar é de encanto
Sua brandura exala nostalgia e seu aroma demonstra recanto.

Pequena graça, tão sofrida!
Com sua imaginação repentina, demonstrando domínio e sabedoria
Seu sorriso, o mundo coloria.

Em palavras faladas, em seu deixar
Temos aqui uma garota forte em afixar.
A noiva de Lisboa, pura e enigmática, a pequena graça!

Ao garoto, o acaso se apresentou
E como penetra o amor se espalhou.
Em suas criações de romances nefastos
para seu casamento acordou-se vasto!

Ausente em Lisboa, cadê a noiva?
Calma, que já irá chegar e seu caminho contemplar!
Com seu ser deslumbrante
que ao te ver se resulta emocionante.

Oh, pequena radiante!
Nos mostra seu olhar enfeitiçante.
Exalando pétalas ao pisar
O adeus irá chegar, casada agora estará!

Tudo que me resta

Por Iara Matias – IF Goiano Campus Campos Belos

Em tempos não tão distantes, quando as emoções principais da história da vida de um adolescente não eram tão deprimentes, o mundo inteiro parou com o impacto de um vírus infausto. Obviamente, a repercussão dessa calamidade ocasionou numa mudança no cotidiano da maioria da população mundial. Entretanto, para um adolescente, o caso é que o conto se faz um tanto intrigante.

Era uma tarde ensolarada e brilhante, que de uma hora para outra, se tornou uma noite fria e estranha. Um vírus se tornou o assunto central de qualquer noticiário. A mídia exigia quarentena e o fim de reuniões familiares e entre amigos. Ainda assim, a ingênua Expectativa de um adolescente estava crente de que todo aquele alvoroço era desnecessário e que logo tudo iria voltar ao normal.

Duas semanas! Apenas duas semanas foram suficientes para que a Expectativa fosse completamente destruída. A Realidade não precisou de nada, além de dois argumentos para que a Expectativa deixasse de existir:

- A população brasileira é alienada e a situação sanitária do País é precária. As coisas não vão se normalizar por tão cedo.

Quanto mais o tempo passava, mais difícil se tornava a tentativa de adaptação aos novos tempos. A Imaginação, antes uma aliada saudável, passara a ser a Alucinação, passatempo não tão saudável, que preencheu completamente o cotidiano desse adolescente qualquer.

Histórias irreais eram criadas para ocupar o sentimento de solidão, fantasias atrás de fantasias roteirizadas para fugir da Realidade da Tristeza. Até chegar em um ponto em que o adolescente se tornara uma máquina de ilusões, gastava dezoito horas por dia alimentando seus contos de fadas, ignorando completamente a Realidade, até ser completamente consumido e entrar em colapso.

Sete meses haviam passado, isto é, sete meses de quarentena, sete meses em que o tal adolescente continuou a agir como um completo esquizofrênico. Os responsáveis pelo adolescente, preocupados com as atitudes anormais de seu oriundo, decidem levá-lo para uma consulta com um psicólogo e também psiquiatra.

A clínica era fria, mas também aconchegante. O adolescente não queria causar mais preocupações aos pais, e mesmo que fosse difícil, se abriu completamente com o psicólogo, que após alguns exames, o diagnosticou com devaneio excessivo e Depressão.

A Alucinação não era tão ingênua como a Expectativa. Seu objetivo era justamente levar o pobre adolescente à loucura. Ela sussurrou baixinho para sua presa Depressão:

– Você precisa de mim!

O que não era uma falácia. A diagnosticada Depressão era de fato dependente. Podia até mesmo ser considerada cúmplice dos planos da maldita Alucinação.

Contudo, embora a vida desse adolescente estivesse sido totalmente virada de cabeça para baixo, pelo menos parte de seus problemas passaram a ser controlados com o uso de medicamentos. E assim, o adolescente foi capaz de sobreviver a um ano inteiro em quarentena.

Ao perceber que o passar do tempo estava drasticamente mais rápido, outros problemas começaram a sobrecarregar esse adolescente qualquer, e foi aí que as emoções principais da história de sua vida se tornaram ainda mais deprimentes.

Mais e mais mortes eram noticiadas e mais atrocidades eram cometidas. Era como se não houvesse uma única notícia positiva. A Alucinação na vida do adolescente foi extinguida, mas, em seu lugar, teve-se a volta da Realidade. Será que lidar com a Realidade foi menos perturbador que viver da Alucinação? Não! Não foi bem assim.

Ao encarar a realidade, novamente o adolescente entrou em colapso. O Estresse, a Ansiedade e a Frustração passaram a ser os protagonistas de sua vida. E, com eles, a Depressão de novo o consumiu. O adolescente, que antes era um aluno exemplar, não conseguia se concentrar nos estudos, não sabia o que cursar ou o que fazer da vida. Se via mais próximo de seu futuro, e o temia, tinha medo de não realizar conquistas e ser um fútil dependente.

Danificado, o adolescente conseguiu sobreviver a um ano e três meses de quarentena. Embora a dose de seu antidepressivo tenha aumentado, ainda não sente a esmerada Felicidade. Talvez o profissional responsável por sua saúde mental cogite mudar seu medicamento. Mas, embora controlar sua tristeza não seja seu objetivo, o adolescente tem feito isso razoavelmente nos últimos meses, visto que ele ainda tem Esperança.

Bem... A Esperança é de longe a emoção protagonista de sua vida nesses tempos difíceis. É, na verdade, apenas uma figurante, mas ela ao menos ainda existe.

A Esperança é um tanto diferente da ingênua Expectativa. É mais ingênua ainda. Isso porque ela pode existir mesmo que tudo indique declínio. Ela ainda pode existir mesmo que essa catástrofe mundial pareça

estar se repetindo como um loop. E ainda que não existam indícios de melhora emocional, a Esperança afirma ao adolescente:

– Sou tudo que lhe resta... Então, permaneça a acreditar. Dias melhores virão.



**INSTITUTO
FEDERAL**
Goiano

Jair Messias Bolsonaro
Presidente da República

Milton Ribeiro
Ministro da Educação

Tomás Dias Sant'Ana
**Secretário da Educação
Profissional e Tecnológica**

Elias de Pádua Monteiro
Reitor IF Goiano

Geísa d'Ávila Ribeiro Boaventura
Pró-Reitora de Extensão

Virgílio José Tavira Erthal
Pró-Reitor de Ensino

Alan Carlos da Costa
**Pró-Reitor de Pesquisa,
Pós-Graduação e Inovação**

Vailson Batista de Freitas
Pró-Reitora de Administração

Gilson Dourado da Silva
**Pró-Reitor de
Desenvolvimento Institucional**

